

---

**“CADA SENHORA DEZ DEDOS, CADA DEDO É UMA MEMÓRIA”:**  
Uma narrativa das histórias e memórias de mulheres marabaixeras e a cidade de Macapá -AP.

**“EVERY LADY TEN FINGERS, EVERY FINGER IS A MEMORY”:**  
A narrative of the stories and memories of marabaixeras women and the city of Macapá -AP.

**“CADA SEÑORA DIEZ DEDOS, CADA DEDO ES UNA MEMORIA”:**  
Una narración de las historias y recuerdos de las mujeres marabaixeras y la ciudad de Macapá -AP.

**Sabrina Natali Silva Bentes**

Licenciada em História pela Universidade Federal do Amapá e pós graduanda em História, Cultura e Literatura Afro-brasileira e Indígena pela Universidade de Maringá (UNICESUMAR) – [brinabentes2407@gmail.com](mailto:brinabentes2407@gmail.com)

*Recebido em: 03/07/2020*

*Aceito para publicação: 20/11/2020*

#### **Resumo**

Este artigo visa apresentar as histórias e memórias de mulheres que fazem parte de uma manifestação cultural afroreligiosa do catolicismo popular da Amazônia que acontece no estado do Amapá: o Marabaixo. A partir de autoras como Maria Odila Leite da Silva Dias, Benedita Celeste de Moraes Pinto, Piedade Lino Videira e Ecléa Bosi juntamente com as narrativas orais de Tia Zezé e Tia Zefa busco realizar uma nova compreensão de uma história que se entrelaça: a história do Marabaixo e a história da cidade de Macapá. Nesse sentido, pelo fortalecimento da história das mulheres na Amazônia e especialmente a história das mulheres do estado do Amapá, utilizo a história oral como metodologia para o um registro das experiências destas mulheres marabaixeras acionadas a partir de suas memórias que são importantes e decisivas para desmistificar uma narrativa oficial da história da cidade e para contar os outros lados dos processos históricos desta manifestação cultural. Tais narrativas e processos se encontram nas vozes das Tias que nos fazem refletir e entender que a história da cidade está intrinsecamente ligada a história das populações afrodescendentes no estado, contadas e cantadas pelo Marabaixo.

**Palavras-chave:** Mulheres, memória, marabaixo, Macapá.

#### **Abstract**

This article aims to present the stories and memories of women who are part of an Afro-religious cultural manifestation of popular Catholicism in the Amazon that takes place in the state of Amapá: Marabaixo. From authors such as Maria Odila Leite da Silva Dias, Benedita Celeste de Moraes Pinto, Piedade Lino Videira and Ecléa Bosi together with the oral narratives of Tia Zezé and Tia Zefa I seek to realize a new understanding of a story that is intertwined: the history of Marabaixo and the history of the city of Macapá. In this sense, by strengthening the history of women in the Amazon and especially the history of women in the state of Amapá, I use oral history as a methodology for recording the experiences of these marabaixeras women, triggered by their memories that are important and decisive to demystify an official narrative of the city's history and to tell the other sides of the historical processes of this cultural manifestation. Such narratives and processes are found in the voices of aunts that make us reflect and understand that the history of the city is intrinsically linked to the history of Afro-descendant populations in the state, told and song by Marabaixo.

**Keywords:** Women, Memory, Marabaixo, Macapá.

---

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar las historias y memorias de mujeres que forman parte de una manifestación cultural afro-religiosa del catolicismo popular en la Amazonía que se desarrolla en el estado de Amapá: Marabaixo. De autores como Maria Odila Leite da Silva Dias, Benedita Celeste de Moraes Pinto, Piedade Lino Videira y Ecléa Bosi junto con las narrativas orales de Tia Zezé y Tia Zefa busco realizar una nueva comprensión de una historia que se entrelaza: la historia de Marabaixo y la historia de la ciudad de Macapá. En este sentido, al fortalecer la historia de las mujeres en la Amazonía y especialmente la historia de las mujeres en el estado de Amapá, utilizo la historia oral como metodología para registrar las vivencias de estas mujeres marabaixeras, desencadenadas por sus recuerdos que son importantes y decisivos para desmitificar una narrativa oficial de la historia de la ciudad y para contar las otras caras de los procesos históricos de esta manifestación cultural. Tales narrativas y procesos se encuentran en las voces de Tías que nos hacen reflexionar y comprender que la historia de la ciudad está intrínsecamente ligada a la historia de las poblaciones afrodescendientes en el estado, contada y cantada por Marabaixo.

**Palabras-clave:** Mujeres, Memoria, Marabaixo, Macapá.

### Introdução

Inicio este texto me reportando ao filósofo malinês Amadou Hampaté Bâ quando diz que estamos diante da “última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva” (HAMPATÉ BÂ, 2003, p. 167) que ao escrever essas palavras quer dizer que a tradição “de boca a ouvido” ainda não se perdeu frente ao avanço da ocidentalidade e que ainda pode ser encontrada nesta última geração de pessoas que recebeu de seus ancestrais a herança da oralidade.

Este artigo tem a intenção de trazer uma pequena parte dessa tradição “de boca a ouvido”, como escreveu Bâ, ao transcrever as histórias e memórias de mulheres, do norte do Brasil, da Amazônia, cujas vidas são atravessadas por uma manifestação cultural afroreligiosa do catolicismo popular da Amazônia, realizada no estado do Amapá, chamada Marabaixo. Marcado por toques de tambores, saias coloridas, gengibirra<sup>1</sup> e ladrões<sup>2</sup>, o Marabaixo aconteceu a partir da travessia transatlântica de escravizados para as terras do Cabo Norte<sup>3</sup>(GOMES, 1999), seu nome e sua origem podem ser associados a como diria Pereira (1989) “ligar-se-á, por acaso às longas e dramáticas travessias do Atlântico, ao léu das correntes marinhas e dos ventos alísios, para o regime de trabalho de escravo, ou como expressão portuguesa de abandono e desgraça?” (PEREIRA, 1989, p. 12).

---

<sup>1</sup> Bebida típica artesanal tradicional das festas do Marabaixo, feita de cachaça e gengibre.

<sup>2</sup> Versos cantados nas rodas de Marabaixo criados a partir de situações cotidianas onde um cantor começa um verso e o outro complementa sua história no meio da cantiga “roubando” sua fala e continuando a cantoria e assim sucessivamente.

<sup>3</sup> Cabo Norte ou capitania do Cabo Norte, território de constante litígio entre portugueses e franceses durante o século XVIII, e que atualmente se constituiu como o Estado do Amapá.

Nascido “ao léu das correntes marinhas” descendo o mar- a- baixo, esta manifestação resistiu a estrutura desumana do tráfico transatlântico de pessoas, e é um exemplo diaspórico de força, coletividade, criatividade e ancestralidade, que ainda enfrenta as amarras do racismo institucional e estrutural, mas que por meio de muita luta conseguiu em 18 de Novembro de 2018, o título do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Registro como Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial do Brasil (IPHAN, 2013).

As mulheres a quem doo meus ouvidos para que me falem suas histórias, são chaves importantes na trajetória desta tradição cultural secular que é o Marabaixo, são consideradas a fonte da memória desta coletividade que também é diversa<sup>4</sup>. São mestras, senhoras de seu tempo, que guardam nas suas memórias traduzidas em palavras as transformações de suas vidas, do Marabaixo e da cidade de Macapá.

A construção dessa narrativa, será a partir dos lugares onde estas mulheres nasceram, viveram e observaram se transformar ao longo do tempo. O traço temporal a que me refiro para entender um pouco sobre estas transformações, é a partir da década de 1940, um período muito importante para o Estado, quando este recebe em suas terras, o General Janary Gentil Nunes, indicado pelo governo de Getúlio Vargas para ser o primeiro governador do antigo Território Federal do Amapá. A vinda de Janary, juntamente com o projeto de “urbanização”<sup>5</sup> do Estado, que fazia parte de uma política nacional de desenvolvimento do país, modificou drasticamente os rumos e a história do Estado, e conseqüentemente, da vida das pessoas que aqui já possuíam, certamente, suas próprias sociabilidades (CAMBRAIA, 2009).

Tudo está entrelaçado, utilizo essa justificativa para traçar essa rota, que é provada nas próprias narrativas dessas mulheres que também são chamadas de Tias<sup>6</sup> (REIS; FREITAS, 2010), que me falam sobre a construção da cidade, sobre os seus modos de vida, sobre as rodas de Marabaixo. E é através da metodologia da história oral que fundamento o processo

---

<sup>4</sup> Cerca de 14 grupos e 27 comunidades realizam o Marabaixo no estado do Amapá, de acordo como do Dossiê feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), durante o período de construção do inventário para registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural Imaterial em 2014.

<sup>5</sup> Na prática, o governo de Janary pouco levou em consideração a estrutura e os modos de vida da população que aqui existia, desconsiderando absolutamente que aqui existiam pessoas que já possuíam uma organização política, social, cultural e econômica. Mas considerou que só a partir de sua chegada é que, de fato, existiria civilização, ignorando desta forma também que aqui havia uma historicidade.

<sup>6</sup> Denominação que também é utilizada nas religiões de Matriz Africana para designar um posto de grande importância na hierarquia destes grupos.

deste trabalho, como uma forma de deixar registrado as vozes dessas mulheres. É como escreve Bosi (2003):

As lembranças se apoiam nas pedras da cidade. Se o espaço (...) é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva. Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias, é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida [...] (BÓSI, 2003, p. 200).

Todos esses elementos são os retalhos que formam a colcha que é a história dessas mulheres. E a seiva retirada que alimenta essa memória vem das lembranças de Tia Zefa e Tia Zezé, minhas interlocutoras. Sendo assim, meu objetivo primordial é escrever uma história das mulheres, dessas marabaixeiras que, ao me contarem suas memórias, contam a história do Marabaixo e a história de Macapá.

### **Tia Zefa me conta algumas histórias nos campos do Laguinho**

Com um aperto de mão muito firme, uma voz rouca e algumas queixas sobre sua visão debilitada, Josefa da Silva Ramos de 103 anos de idade me concedeu entrevista. Narrou na calçada de sua casa na Rua Ernestino Borges, no bairro do Laguinho, em Macapá, que desde que se entende por gente, está tudo mudado no Marabaixo.

Ela me conta quase que se lamentando pela quantidade de mastros<sup>7</sup> e caixas que agora são utilizadas dentro do festejo e me diz de onde saía a criatividade para criar os ladrões que embalavam as festas: “aquela quantidade de caixa que a gente num entende, e tudo mudado, quando havia qualquer coisa em Macapá, a gente empregava pra tirar a toada pra cantar, empregava o nome ladrão, né? ” (Tia Zefa, 2018).

Nascida no dia 26 de fevereiro de 1916, filha de Pedro Lopes, “legítimo de lá, nascido e criado lá” (Tia Zefa, 2018) no Curiaú<sup>8</sup>, neta de seu João Clímaco dos Santos e de dona Eufêmea dos Santos, teve três irmãos, Laudelina, Orlandina e João, perdeu sua mãe ainda muito nova, casou com seu Joaquim Santana da Silva de quem ficou viúva e desde então criou

---

<sup>7</sup> Tronco de uma árvore chamada Jacareúba, utilizada nos rituais do Ciclo do Marabaixo. Os mastros são importantes materialidades para o festejo, a partir de seu corte, enfeite, sua subida e descida se faz a circularidade desta tradição.

<sup>8</sup> Remanescente de Quilombo localizado a 8km da capital, Macapá, onde também se realizam tradicionalmente festejos do Marabaixo e do Batuque.

suas cinco filhas: Raimunda, Joana, Josefa, Ana Maria e Rita sozinha. Não chegou a casar novamente, pois segundo ela: “num quis mais ninguém, tinha cinco filha mulher, eu digo, eu num vou procurar outro que ainda vem abusar das minhas filha mulher, me acomodei” (Tia Zefa, 2018).

Quando Tia Zefa se reporta a essa atitude de não ter se casado com mais ninguém para proteger suas filhas e tê-las criado sozinha, me recordo do que a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias escreve quando realiza um levantamento sobre a história das mulheres subalternizadas da São Paulo do século XIX. Mulheres solteiras e viúvas que criavam seus filhos sozinhas eram um retrato comum daquela sociedade, e ainda são: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 38,7% dos lares brasileiros são chefiados por mães solo. A estatística é do ano de 2015. Segundo o estudo de Maria Odila, a respeito desse cenário no século XIX, ela diz:

Na época da Independência, sabia-se que quase 40% dos moradores da cidade eram mulheres sós, chefes de família, muitas delas concubinas e mães solteiras. Aos poucos, de forma preconceituosa e canhestra, os contemporâneos foram tomando consciência de sua presença. (...). Parece fenômeno peculiar à urbanização como um todo nas colônias do Brasil (...) o fenômeno era comum à cidade como um todo; caracteriza-se pelo predomínio de mulheres mais velhas, chefes de família, viúvas e sobretudo solteiras (DIAS, 1984, p. 20-21).

Mulheres sozinhas que chefiavam e sustentavam suas famílias, como podemos observar, sempre foram e são um fato presente na sociedade brasileira. Como a fala de Tia Zefa, as minhas outras interlocutoras Tia Zezé e Tia Biló também me contaram histórias muito similares, onde suas mães ou elas próprias chefiavam e sustentaram suas famílias.

Para começar a entender os caminhos que Tia Zefa percorreu, peço que ela me conte como foi sua infância, com o que trabalhou, como criou seus filhos, os lugares por onde circulou, ela me diz:

Ah! Minha infância foi trabiando, fia! Minha Mãe morreu, fiquei pequena pelas casas dos outros servindo de babá. Era...eu sempre fui uma pessoa...eu num soube o que foi negócio de quinze ano [se referindo ao baile de debutante], hoje em dia eu digo que tem quinze ano [se referindo ao baile de debutante], tem aniversário de amigo, tem aniversário de colega, tem aniversário de vovô, lá em casa quando é dia da vó, quando eu vejo aquela quantidade que eu tenho muito neto...neto (Tia Zefa, 2018).

Tia Zefa sempre faz um paralelo com os momentos que viveu e a vida que seus filhos e netos possuem atualmente, sempre num tom de lamento e ao mesmo tempo alerta e gratidão por seus filhos e netos usufruírem de uma vida menos dura do que a que ela tivera, uma

infância onde teve que trabalhar desde muito nova e onde perdeu a mãe muito cedo. Ela me conta ainda sobre esse fato:

(...). Eu digo, olhe nós éramos pobre, mas num era miserável e nem vadio, todo mundo trabalhava e tinha roça, hoje em dia ninguém quer roça só quer ser....só quer ser funcionário [público] e hoje em dia pra ser funcionário é....enquanto tá ali umas horazinhas fora, vai embora (...). (Tia Zefa, 2018).

Perguntei a ela se trabalhava na roça e ela me confirma que sim e eu sequencio querendo saber como era esse trabalho e ela me conta:

Era onde dava, nós vivia na roça, juntar caroço, isso tudo era pra nós, na vargem, que num tinha emprego, fia, trabaiaava só na bruta mesmo, trabaiaá pra ganhá um bocadinho, era só de um mil réis, um tostão, duzentos réis, cê ia comprar tudo assim em migalha, meio quilo duma coisa, meio quilo da outra, meio quilo da outra, mas tinha tudo, eu disse pra ela, nós conhecia macarrão, conhecia arroz, conhecia feijão (risos) e carne...boi (Tia Zefa, 2018).

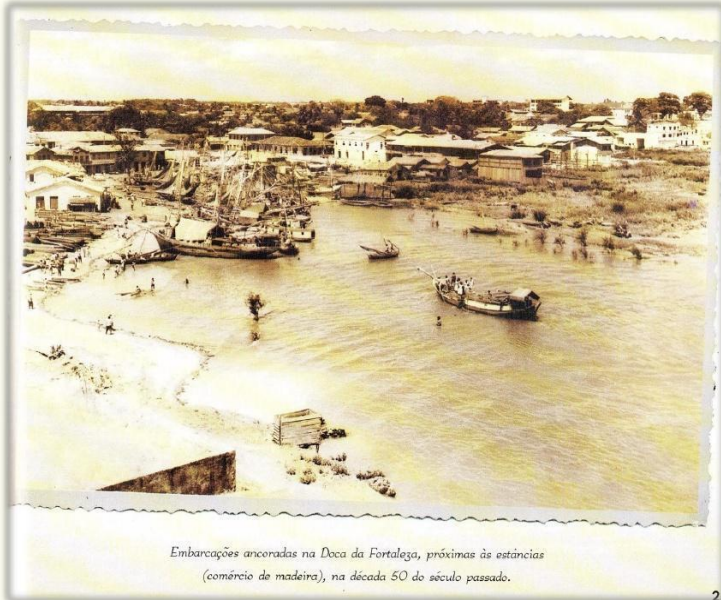
Durante essa fala de Tia Zefa, ela nos dá a entender que mesmo trabalhando duro e as condições sendo um tanto difíceis financeiramente, era possível ter uma alimentação decente, como ela mesma diz no seguinte trecho:

Igarapé das Muié, empregava Igarapé das Muié que era onde nós ia gapuiá, a gente diz assim...prende água de trás, prendia da frente e batia a cuia, pegava peixe, cabia era peixe escolhido, era um pequeno a gente soltava, fico Igarapé das Muié, ia pra praia e vinha aqueles aturiá [??], dante tinha aqueles barco que vinha daí num sei de onde, ficava na praia, ficava aquela poça, né? Aí nós ia pegá camarão escolhido, lagostina, aí hoje é pitú, e é num sei que, né? Nós fomos criado na fartura, num era agora que tudo é comprado. Aí eu digo, olha minha filha, no meu tempo, no meu quintal, até hoje, tinha laranjeira, tangerina, *cupu[cupuaçu]*, abacate... (Tia Zefa, 2018).

Como já afirmei, mesmo com condições financeiras escassas, a alimentação e a vida que tinha eram de fartura, pois como mostra o trecho citado, eles mesmos proviam sua própria alimentação, e mesmo com a existência de gêneros alimentícios como macarrão, a atividade principal de subsistência era a pesca, um modo de vida tradicionalmente ribeirinho, como é possível identificar pelos lugares que circulava como a “praia” (praia que se formava na frente da cidade) e o Igarapé das Mulheres<sup>9</sup>, e até mesmo em casa com a criação de espécies frutíferas.

---

<sup>9</sup> Local onde também se formava uma “praia”, após a baixa da maré do Rio Amazonas, localizado a oeste da Fortaleza de São José de Macapá, onde, as mulheres que moravam na frente da cidade, desciam para lavar roupas, atualmente é institucionalmente conhecido como o bairro Perpétuo Socorro.



A “praia” a qual Tia Zefa se refere era a Docca da Fortaleza, início do século XX.  
Fonte: Arquivo do Museu da Imagem e do Som (MIS - AP), 2007

Ao citar esses lugares, “a praia” e o Igarapé das mulheres, logo fica nítido sobre os possíveis lugares de sociabilidade por onde circulavam as interlocutoras deste trabalho, lugares onde minhas interlocutoras passaram, conviveram e criaram laços.

Nesse sentido, reitero meu interesse em saber mais sobre a trajetória percorrida por Tia Zefa por esses locais, ela me conta como era a antiga Macapá e onde morava, a partir de um fato que lhe marcou, a chegada do primeiro avião aqui, ela diz:

Quando chegou aqui o primeiro avião foi, num tinha avião, aqui em Macapá era pequeno, era da Igreja de São José pra lá “pá” rua da frente que a gente chamava, pra li pra banda onde é o Mercado Central, só tinha o Mercado... o Mercado Central, comércio só tinha três: Leão, o Abrão Perez e o Vicente Ventura. Num tinha luz elétrica, num tinha água encanada, a gente tirava do poço, levava o baldo...poço do mato que num sei se já ouviu falar.... Eu morava no formigueiro... (Tia Zefa, 2018).

Instiguei em saber sobre o lugar onde ela morava. Conhecido popularmente como Formigueiro, o Largo dos Inocentes fica localizado atrás da Igreja de São José, entre a Rua Tiradentes e a Rua São José, no bairro do Centro, em Macapá. Ela continua, me contando sobre onde foi morar depois que se casou e sobre outros lugares na cidade:

Era...então na rua já daqui a rua...que hoje dizem Ernestino Borges já estava fora um pouco indo do Formigueiro já tava nessa outra rua, Ernestino Borges, e eu morava depois que me casei, morei pra cá, mas eu morava mesmo...minha mãe morava aqui na Praça de Cima que a gente empregava Praça de Cima, né? Agora já é a praça

---

Aze...Azevedo Costa? Não, num é Azevedo Costa...(…) Barão!!! (...). Pois é, aí então a gente empregava a Praça São João... (Tia Zefa, 2018).

Ainda neste sentido, Tia Zefa me fala sobre como era a organização da antiga Macapá, sobre os nomes dos lugares que mudaram com o tempo, sobre os que atualmente não existem mais, quem governava na época:

Tinha a praça São João, tinha o formigueiro, tinha o abieiro [árvore de abiu, fruta regional], quando me entendi, num tinha rua, num tinha nada, a gente andava por debaixo do mato pra ir buscar água ali no igarapé, no poço do mato e ali no formigueiro, a gente ia buscar água no Sambarírcio um posto [de água] atrás do formigueiro e não tinha nada aqui, nós pra cá, não tinha escola, muitos não aprenderam que não tinha escola, num tinha grupo, não tinha nada. Num tinha hoje como tem tanta coisa, é tanto bairro, e é tanta...(…) Negócio de...negócio de governador, quem governava era o Cesário...(…) A repartição que ele trabalhava empregaram intendência, já ouviu falar? (...) A intendência ficava ali na rua quem vai pra São José (...). Não tinha nada no nosso Macapá (...) Ói quando passe aqui na rua tem um bocado na rua e dante não, num tinha esse negócio de governador, quem dirigia lá nesse intendência era o Cesário, era o único que tinha um nomezinho...Coronel Teodoro, Coronel... e tinha o Cesário que morava aqui pra banda da rua da, que nós...empregava a rua da praia, hoje...hoje aqui é a praça da...Zagury (Tia Zefa, 2018).

Só neste trecho da fala de Tia Zefa, ela nos informa uma gama de lugares e pessoas que foram consideradas importantes na antiga cidadezinha de Macapá. É importante ressaltar que muitos dos nomes desses lugares foram dados pela própria população e que posteriormente foram modificados para caber nos moldes institucionais de uma política de urbanização que fora implantada com a chegada de Janary em 1943 e postergada pelos outros governos. Além disso, com certo espanto, Tia Zefa nos dá um parâmetro de como a cidade se modificou e sobre os lugares que possivelmente frequentava como o “*poço do mato*” e o “*Sambarírcio*”, lugares onde existiam bicas que forneciam água para a população que morava naquelas redondezas.

Ao observar essas informações dadas por Tia Zefa, podemos concluir que ela estava em plena observação do espaço em que se inseria, estava atenta às mudanças, circulava pelos espaços e não estava limitada a estes. Vou recorrer novamente à escrita de Maria Odila Leite da Silva Dias (1984), quando nos diz que a historiografia por muito tempo — e ainda — não consegue se dar conta da história de mulheres como Tia Zefa, presentes na maioria dos espaços sociais e ainda sim invisibilizadas pela história. Segundo Dias (1984):

Existe uma tradição misógina, fortemente entranhada (...) O assunto não se esgota ao nível das fontes e testemunhos literários. Vários historiadores revelam a mesma incapacidade de tratar da participação das mulheres no processo de formação da sociedade brasileira. Perdem-se em juízos de valor e não conseguem se desfazer de idealidades e estereótipos, que os impedem de ver com mais clareza o contexto histórico de que tratam (DIAS, 1984, p. 28).





O poço do mato, atualmente localiza-se na Av. Padre Manoel da Nóbrega no bairro do Laguninho – Macapá - AP, início do século XX.

Fonte: Arquivo do GEA (Governo do Estado do Amapá), 2010

Ainda neste sentido, busquei auxílio no trabalho de Benedita Celeste de Moraes Pinto (2012), onde a partir do uso da história oral e uma perspectiva da história das mulheres e relações de gênero consegue reconstruir as trajetórias e as práticas de mulheres quilombolas que habitam o norte do estado do Tocantins. Pensando nesta obra, pude traçar alguns outros caminhos para compreender a trajetória das mulheres que são minhas interlocutoras neste estudo. Compartilho dos pensamentos de Benedita quando ela me diz que:

As mulheres aqui se forjam personagens de suas próprias histórias. Ultrapassam as barreiras ideológicas do silêncio da historiografia para provarem que são, igualmente, portadoras de poderes diante dos homens (PINTO, 2012, p. 04).

Sendo assim, me inspiro nessas mulheres para criar novos caminhos sobre outras mulheres que foram relegadas pelos documentos oficiais como pontos perdidos aqui e ali, mas que têm em sua memória e em suas palavras o elemento mais importante para a construção de uma nova história, ou novas histórias, em que elas realmente apareçam e possam contá-las.

Nesse sentido a história oral é primordial para captarmos essas essências. Celeste nos diz:

Da vida dessas mulheres, suas histórias, lutas, experiências e saberes só emergem através do processo de esquadramento e da reconstituição de uma memória quase que surda, bastante fragmentada, já quase esfacelada pelo tempo. Mas que teima em insurgir da surdez do passado para o presente no exercício das lembranças e relembraças (...) (PINTO, 2012, p. 04-05).

A partir dessas reflexões, busco mostrar, sobre o lado mais sensível deste trabalho que é a relação de Tia Zefa com o Marabaixo, esta tradição que marca sua longa trajetória, o berço

onde ela nasceu e viveu. Quando perguntada sobre o Marabaixo, ela me responde com muito saudosismo da época em que dançava e cantava e, em certos momentos, um tanto aborrecida por perceber as mudanças que ocorreram na manifestação. Inclusive as suas primeiras frases durante a nossa conversa apontam justamente para essa mudança, ela me conta: “Olha, desde que eu me entendo por gente, tá tudo mudado fia, Marabaixo dante eram duas caixas (...) Era, dois mastro, agora são quatro mastro (...) aquela quantidade de caixa que a gente num entende, e tudo mudado” (Tia Zefa, 2018).

Tia Zefa me explica como se dava a criação dos ladrões de Marabaixo, dizendo que qualquer coisa que acontecesse na cidade era motivo pra se tirar um ladrão, eram momentos cotidianos ou eventos maiores como a chegada do primeiro avião em Macapá. Ela me conta sobre um ladrão que foi feito quando uma roça em que ela e outras mulheres trabalhavam pegou fogo. A roça era de uma senhora chamada Antônia Barca e ela, Tia Zefa, e essas outras mulheres<sup>10</sup> cujos nomes são Maria Delfina, Maria Cajari e Zefa Gaia, trabalhavam nessa roça. Ela me conta o início dessa história:

Marabaixo era outra coisa, só cantava as coisa que aparecia, trabiava-se lá na...na roça da Antônia Barca, aí de verão morava aí pra banda do interior, fogo no campo, lá vem a...fogo pra roça que tinham derrubado a pouco ainda não tinha murchado o mato...pra queimar, que quando não queimava direito tinha que depois varar pra limpar...tava uns pau cru, nós trabiava lá, eu, Maria Delfina, Maria Cajari e outras e outras...Zefa Gaia (Tia Zefa, 2018).

Além de me contar o enredo inicial da história desse ladrão, pude perceber que assim como Tia Zefa, outras mulheres circulavam e estavam presentes nessas frentes de trabalho que historicamente aprendemos que foram relegadas aos homens. Continuando, Tia Zefa me conta:

Aí eu te contando o negócio da roça da Tia Antônia Barca, nós trabiava lá e “fogo no campo! ” Lá vem o fogo, lá vem o fogo, e vem pra roça e vem a... vamos defender a roça, não tinha ônibus, não tinha esses carrinhos, era carro de burro! E aí a Tia Antônia Barca viu que o fogo vinha pra casa e que num tava defendida a casa dela ia no fogo tudo, aí ela saiu, pra enfeitar ela disse pro marido dela: “o Chiquito estava sentado no galho do caimbé, Antônia tu vai na roça e chama pelas mulhé” A tia Antônia, muié dele: “Antônia caminhou, chegou na cerca, gritou, veio a Josefa espantada - que era a Zefa Gaia - o que foi que cê avistou? ” Aí a minha tia disse pra ela: “o que foi que cê avistou? ” Aí, ela disse: “Josefa, Josefa minha irmã, eu estou um pouco assustada, eu ainda não vi o fogo, mas estou ouvindo a zuada” aí ela vai

<sup>10</sup> É muito e angustiante perceber que ao longo deste trabalho os nomes de várias outras mulheres são citados, porém, pouco se sabe sobre quem foram, interessante o que fizeram, suas histórias e memórias são somente fímbrias de outras memórias e histórias. A esperança é de que este quadro de invisibilização da história das mulheres seja revertido e que estas mulheres possam ser conhecidas e reconhecidas como peças fundamentais para entendermos nosso passado, nossa própria história.

pra frente, é a saída do ladrão: “Passei pelo lírio roxo, cinco folhinha apanhei, cinco sentido que tinha, todos cinco eu lá deixei!” (...) (Tia Zefa, 2018).

O nome desse ladrão que Tia Zefa me conta chama-se “Lírio roxo” e caracteriza bem o que ela me disse a respeito sobre como os ladrões eram tirados em sua época e a forma de transmissão:

Hoje em dia eles já tiram qualquer música, sem graça, e era aquela...aquela animação (...) graças a Deus era muito animado, Marabaixo e Batuque, num era preciso ninguém ensinar, ia todo mundo dançando e se metia no meio e daí ia, quem tinha boa, boa cabeça ia pegando aquelas coisas, olha aqui a minha Josefina, já ensinei tudinho pra ela, ela já canta...Marabaixo, a Raimunda dança, agora quem mais gosta é ela, e aí era a Ana Maria, a Joana também num era muito amante, mas eu gostava muito de Batuque, Marabaixo, aí vinha a época da festa de São Joaquim...poxa! Do dia 15 até o dia 18, eu só vinha de manhã de lá, do Curiaú (Tia Zefa, 2018).

Além do seu breve lamento pelos ladrões atuais, Tia Zefa transparece como essa manifestação é ancestral e como ela é perpetuada a partir da oralidade, quando diz que já ensinou tudo para sua filha Josefa, demonstrando um estado de alívio, pois caso ela não esteja mais fisicamente, seus ensinamentos e suas vivências nessa tradição já estão assegurados quando repassados a outra pessoa, neste caso sua filha, como um porto seguro de suas memórias.

A respeito desse processo reminiscente, me reporto a Lucília de Almeida Neves Delgado. Em sua obra sobre a memória, tempo e identidades, ela elucida esse processo de rememoração dizendo:

Entre os muitos desafios da história oral, destacam-se, portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a eles repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje (DELGADO, 2010, p. 18).

É sensível que todas as falas de Tia Zefa se reportem a essas tantas temporalidades por ela experienciadas em seus 103 anos de idade, e é cabível que ela possa se sentir aborrecida em certos sentidos por ver uma tradição em que ela cresceu se transformar ao longo do anos, mas ao mesmo tempo se sinta um tanto aliviada ao se dar conta que conseguiu repassar tudo o que aprendeu no Marabaixo para sua filha e que isso provavelmente remete à ela uma sensação de concretude de que este ciclo não irá acabar.

Pergunto a ela, sobre como era o Marabaixo aqui em Macapá, onde acontecia e ela me conta:

Era ali na...a única que era, era li na casa do velho Julião. (...) Aí era Batuque e Marabaixo, depois que começou, depois que veio o Janary, que ele queria aumentar

a cidade, eu morava como eu digo aqui pra dentro da cidade, butôu uns pro Laguinho e outros pra Favela, né? Pra abrir a cidade, que a cidade era muito pequena, pequenina mesmo, era da Igreja de São José, só tinha uma Igreja, a principal, de segurança aqui, de alvenaria, era Igreja de São José e era aqui a coisa, como é que dá o nome...Fortaleza! (...). No mais, era tudo casa de madeira, e era no chão, num tinha lajota, num tinha nada. Aí começava o Marabaixo lá no Julião, a casa dele era, tinha os quarto separado da sala, fazia aquela barraca na frente que era pá pegar o pessoal. Aí o homem queriam o mastro, sábado do mastro, domingo eles iam buscar, quarta feira da Murta nós ia buscar o mato, que aquele mato que a gente traz... (Tia Zefa, 2018).

Me contando sobre como era o Marabaixo na antiga Macapá, Tia Zefa toca em outro ponto sensível deste trabalho, que era a organização da cidade, e sobre como o governo de Janary Nunes interferiu nessa organização. Ela me conta também sobre dois lugares importantes que se tornam pontos de referência para me indicar o tamanho da cidade: a Igreja de São José e a Fortaleza de São José de Macapá.

Para além, me fala sobre a organização da festa, onde os homens cortavam os mastros — troncos de uma árvore chamada Jacareúba — e as mulheres escolhiam os ramos de murta — folhagens e ervas variadas colhidas nas matas para enfeitar os mastros. Materialidades imprescindíveis para a realização do Marabaixo. Sem mastro e sem murta não há completude na festa, pois estes dois elementos concretizam o louvor à Santíssima Trindade e ao Espírito Santo.

Tia Zefa também sinaliza um fato muito importante: quando a igreja ainda mantinha relações cordiais com o povo marabaixeiro, provavelmente antes do Padre Júlio Maria de Lombaerd ter quebrado a Coroa do Divino Espírito Santo em um ato de proibir que os marabaixeiros pudessem realizar seus festejos na Igreja de São José. Sobre isso:

Quando foi na igreja, que nós vinha aí na porta da Igreja fazer homenagem, aí um dia o padre me perguntou: “por que que cês usa esse mato?” Eu digo: “Ói padre, inda combina, oliveira de Páscoa” Aí ela[o padre] veio e benzeu o mato todinho. Mas era muito animado! Deus o livre! (Tia Zefa, 2018).

Creio ser muito importante elencar esses fatos que poderiam passar despercebidos aos olhos de terceiros, tudo o que Tia Zefa me conta são momentos que ela considera importante, e esse é um dos principais elementos dos processos de rememoração. Outro momento que ela me conta é sobre ter sido a fundadora da Festa de Santa Maria, uma das festas tradicionais do Curiaú, tal qual a de São Joaquim, ela me conta muito emocionada sobre isso:

Hoje não, hoje é diferente até no Curiaú. Curiaú, São Joaquim e Santa Maria, Santa Maria é em maio...Santa Maria eu que comecei, tava com doze ano...Na casa do meu vizinho chovia, e eles saíam e eu num era mulher assim de roça quando eu tava sendo babá deles pra lá e a chuva, chuva, e a Santa Maria tava na chuva digo “ahhh” só tava eu e ela, digo “ eu vou pegar Santa Maria, tá moiada” cheguei lá, peguei a santa, botei uma toalha na cabeça, cheguei, dei-lhe na nossa casa, entremo, aí eu fui ver uma...uma caixa, butei ela, enxuguei a santa, comecei a conversar. O meu pai de

criação, (...). Aí, eu conversando com a Santa Maria, dava aquela...aquela bicha que dá na roça, feia...osga, aí eu digo: “minha Nossa Senhora, Santa Maria, se essas bichas não vim pra cá pro Curiaú, já tá lá...no Curiaú de Baixo as bicha, se não vim pra cá pro Curiaú de Fora pra roça vou mandar dizer uma ladainha pra você, dante num tinha padre, era rezado mesmo em casa. Aí, meu pai vinha chegando, ele me chamava SáZefa: “SáZefa, que cê...com quem cê tá falando?” Eu disse: “ eu tô falando com Santa Maria, se as bicha não vim pra nossa roça, nós vai mandar dizer uma ladainha pra ela” Ele disse: “Ahhh, cê vai ser a primeira festeira” e eu fui a primeira festeira da Santa, tá criada minha fia, a festa da Santa Maria (Tia Zefa, 2018).

A partir desse relato de Tia Zefa é possível perceber o modo como esse catolicismo popular acontece, a partir de uma simples promessa de proteger seu sustento que vinha da plantação em roças feitas pela comunidade, iniciou-se uma festividade tradicional no Curiaú, e que permanece até os dias atuais.

E é como se iniciam a maioria das festas e festividades da religiosidade amazônica, quando um pedido a um santo é feito, uma promessa mútua se realiza, a da pessoa que fez o pedido e a do santo em realizar, e quando esse pedido é atendido, se rezam as ladainhas em homenagem aos santos durante um determinado período. Assim são as festividades em louvor aos santos e, de acordo com o antropólogo e historiador Heraldo Maués, “é nessa ocasião, principalmente, que as pessoas aproveitam para pagar as promessas a esse ‘santo’ (...)” (MAUÉS, 2005, p. 261).

Pergunto a Tia Zefa sobre o significado da palavra Marabaixo e das cantigas chamarem “ladrões” e ela me diz que não lhe foi explicado e acaba por se reportar a um passado do período da escravidão e de como teria sido esse período, ela conta:

Mas é a única coisa que nós empregamo como eu digo no Marabaixo é o ladrão, quando a gente tira a música, né? Emprega ladrão, é muito ladrão...(...). Eu não sei por que fia, isso não me explicaram os véio, só diz...só explicam isso. (...) O que é...progruntaram se a minha famia tinham servido, foram escravo, digo também não me disseram, meu pessoal, num cheguei a pegar a escravidão, já tava liberta, Princesa Isabel já tinha soltado a metade, agora diz que era muito perigoso dante, andavam com a corrente nas pernas, num cheguei a ver e nem meu pessoal me disseram, meus avô, ainda conheci meu avô João, morava lá no Curiaú, os tios dele tudo de lá, minha mãe, meus tio e *adepois* que casaram já vinheram aqui pra Macapá, eu também vim (Tia Zefa, 2018).

Tia Zefa não consegue me dizer se seus ancestrais foram escravizados, mas sabe que de alguma forma sua linhagem familiar, infelizmente é associada a esse momento da história, dando detalhes de como poderia ter sido esse período aqui. Somente depois de algum tempo refletindo sobre esse “não saber dizer” é que me dei conta de que é muito provável que Tia Zefa não quisesse me contar sobre esse período, pois pudesse lhe remeter a algumas dores que quisesse esquecer. A memória também é feita de esquecimentos. Tia Zefa ainda nos informa sobre sua origem e a de seus familiares e reconstrói essa árvore genealógica até o seu avô,

todos procedentes do quilombo do Curiaú. Sobre não saber explicar a origem do Marabaixo, ela relata a seguinte justificativa:

Pois é, querida, o Marabaixo eu num sei lhe entregar, perguntar se meu pessoal eram, como é? Foram escravo, digo “num sei” eles num me explicaram por que naquele tempo se tinha um mais velho conversando, moleque não metia a colher... (Tia Zefa, 2018).

Como abordado no primeiro capítulo deste trabalho, reitero que a chegada da população negra em Macapá, vinda das Ilha dos Açores e de outras partes do Brasil como Grão-Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Maranhão, se deu a partir do século XVIII principalmente para a construção da Fortaleza de São José de Macapá, considerando ainda que este território localiza-se em área de fronteira, onde o fluxo de pessoas não poderia ser comedido, ainda mais naquele período (VIDEIRA, 2013).

Para não perder o fio da meada sobre sua família, instiguei Tia Zefa a me falar sobre essas pessoas, perguntei a ela se todos gostavam de Marabaixo e ela me contou com um ar de entusiasmo que seu avô de nome João Clímaco dos Santos foi quem tirou um dos mais conhecidos ladrões de Marabaixo “Rosa Branca Açucena”, e que “Ihhh, eu acho que se criaram lá dentro, o véio... o véio era da festa! ” (Tia Zefa, 2018). Dando a entender, que assim como ela, seu avô nasceu e foi criado dentro das festas do Marabaixo.

Depois desse diálogo, pergunto para a Tia Zefa sobre como ficou o Marabaixo depois que Janary Nunes chegou em Macapá, e ela revela:

Depois que ele ficou que tomou conta do Marabaixo... Como dizia... Quando chegou aqui que nós morava aqui pro Formigueiro que ele butô pra Favela, pro Laguinho que ali não tinha casa, era mato, tudo pra cá era mato, aí dije no verso: “O Janary quando chegou, os filho da terra não gostou, mas não se dizia nada porque ele vinha ser governador” Raimundo Ladislau [um dos principais mestres do Marabaixo] que tirou... (Tia Zefa, 2018).

A fala da Tia Zefa e o trecho do verso dito por ela e que fora escrito por Raimundo Ladislau, considerado por ela e pela comunidade marabaixeira um dos mestres do Marabaixo e que foi para o bairro do Laguinho, revela que alguns ficaram descontentes com a vinda de Janary Nunes para o estado (LUNA, 2017). Descontentes também com a sua política de urbanização, que causou o remanejamento dos moradores da frente da cidade e da chamada Vila de Santa Engrácia. Como já dito, este é o fato histórico que me dá o ponto de partida para entender as transformações da cidade de Macapá, transformações essas que foram cantadas e acompanhadas pelo Marabaixo que também se transformou.

Muitas famílias que foram obrigadas a abandonar seus lugares, onde já tinham construído toda uma rede de territorialidades e de sociabilidades, onde praticavam seus festejos, etc.

E principalmente, este é o ponto de partida para entender a história das mulheres que estiveram presentes durante essas transformações, circulando pela cidade, fazendo suas próprias observações, criando seus modos de vida e primordialmente carregando consigo uma tradição que junto com elas conta essa história também.

### *Tia Zezé me conta algumas histórias em uma ladeira da Favela*

Conseguir entrevistar Tia Zezé foi um desafio. Foram algumas semanas apreensivas, porque para mim, seria muito importante que Tia Zezé fizesse parte dessa construção, fosse protagonista dessa história. Por quê? Ela, é filha de Dona Gertrudes Saturnino, mestra e dançadeira de Marabaixo que sozinha ao não aceitar a saída da frente da cidade e não concordando em mudar-se para o Laguinho resolveu criar seus filhos e deixar seu legado em outro lugar: a Favela<sup>11</sup>. Tia Zezé até hoje permanece morando no mesmo lugar em que sua mãe iniciou a jornada no bairro da Favela, e segundo a mesma, ela seria a aprendiz de sua mãe, carregando consigo o legado deixado por dona Gertrudes.

Filha de Gertrudes Saturnino de Loureiro e seu Raimundo Pereira da Silva, dona Maria José Libório, nascida na década de 40 na pequena cidade de Macapá, ainda menina mudou-se com a mãe e as irmãs, Amélia Amaral da Silva, Maria Natalina Silva da Costa, Sebastião Pereira da Silva e Izabel Saturnino da Silva para um lugar onde não havia infraestrutura que passou a se chamar ao longo de sua ocupação de Morro da Favela.

Nós morávamos lá na Rua da Frente, ali próximo o que é hoje a Casa Residencial [Residência Oficial do Governo do Estado] e quando nós vínhamos pra cá pra cá, na década de 50, a minha mãe, ela trouxe pra cá, não criou o Marabaixo, porque o Marabaixo já existia do tempo dela, com a mãe dela, então essa geração do Marabaixo não vem de hoje, não vem de agora, não vem de mim, não vem da Danniela [Danniela Ramos, cantadeira e dançadeira de Marabaixo da nova geração], vem dos nossos ancestrais que nós não chegamos nem conhecer (Tia Zezé, 2018).

Antes mesmo que eu pudesse lhe encher de perguntas, Tia Zezé aplacou a minha euforia ao entrevistá-la e com serenidade, à princípio um tanto desconfiada com a minha presença, começou a me contar sobre sua história, o próprio trecho acima já revela a relação entre a história de vida dessas mulheres atravessadas pelo Marabaixo. Ela prossegue:

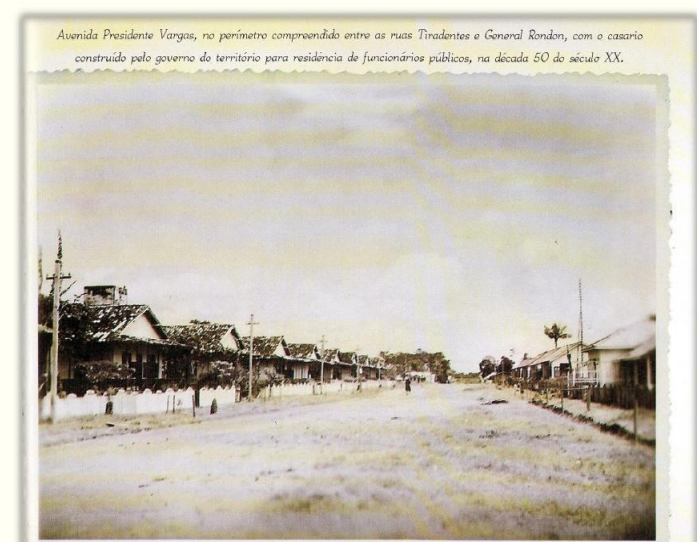
Eu sou filha de Dona Gertrudes Saturnino de Loureiro, como se chamava minha mãe, meu pai era Raimundo Pereira da Silva, eu não nasci aqui como eu falei a

<sup>11</sup> Favela, hoje, institucionalmente conhecida como bairro Santa Rita, foi o lugar para onde se dirigiram àqueles que se opuseram à ir aos campos do Laguinho – local destinado pelo acordo feito entre governo e algumas lideranças comunitárias para onde deveriam ir a população que morava na frente da cidade.

pouco, nasci lá no centro da cidade, perto da Beira Rio, nós viemos pra cá na década de 50, na década de 49, 43, nós vinhamos pra cá (...) (Tia Zezé, 2018).

Ela deixa tudo muito explicado, falando de forma pausada e plena, eu pouco fiz as perguntas de meu roteiro, o que achei muito mais proveitoso e apenas prestei atenção na história que ela queria me contar. A respeito de suas circulações e dos lugares por onde cresceu e suas próprias observações dos lugares da cidade, ela me conta:

(...) nós viemos pra cá que nós nascemos nesse tempo, não era dado assim os nomes das ruas assim como é hoje, distribuído as ruas: Presidente Vargas, Almirante Barroso, Avenida FAB, não, era assim por...por exemplo, a casa dos meus pais era ali em frente ao antigo Fórum que hoje é a...a sede da OAB, né? Dos advogados. Então, era lá que nós morávamos e com a chegada do novo governador que foi o Janary Gentil Nunes, houve a des...desapropriação daqueles moradores que morava na frente da cidade, casinha de barro, coberta de palha, chão batido (Tia Zezé, 2018).



Avenida Presidente Vargas, perímetro compreendido entre as ruas Tiradentes e General Rondon, após a desterritorialização com casas construídas para os agentes do governo, década de 50 do século XX.

Fonte: Arquivo do GEA, 2010.

Como afirmei, pouco fiz perguntas durante nosso encontro, e me surpreendi quando ela falou a respeito da política de Janary, utilizando o termo desapropriação, e eu entendi que essa história me pareceu muito sensível a ela.

Segundo Luna (2017), os moradores que optaram não por caminhar para o Laguinho, uma área já aterrada, segundo informações, e onde algumas famílias já possuíam suas roças, estes outros que não concordaram com o “acordo” realizado com o governo e algumas lideranças da comunidade foram para este outro lugar, oposto ao caminho do Laguinho, onde não havia nenhum tipo de infraestrutura ou salubridade, ou seja, algumas pessoas tiveram que começar do zero em todas as circunstâncias. Segundo esta mesma historiadora:



A tática usada, como arte de defesa (CERTEAU, 1998) desse grupo adverso, foi ocupar um espaço que naquela época ficava muito distante do centro urbano de Macapá, pois eles não desejavam ver nem de longe aquele administrador que a Cidade recebia. Esse lugar possuía uma mata que o separava da Cidade e passou a ser denominado de Favela, pela presença dessa vegetação em seu entorno. A esse espaço atribuíram um modo de vida correspondente ao seu tempo social, de uma realidade distante da imposta pelo gestor público do Território. As casas foram sendo erguidas por conta dos moradores, de forma a se alojarem do melhor modo possível (LUNA, 2017, p. 175).

Nas palavras de Tia Zezé:

A maioria escolheu o bairro do Laguinho, eu sempre enfatizo nessa forma, por quê? Eles já tinham as roças deles pra lá, vinheram pra cá pra esse bairro que dava-se o nome de bairro da Favela, porque isso aqui...não era porque fosse um bairro de pessoas faveladas, não! Por que isso aqui era uma montanha, da Jovino Dinoá até a Odilardo Silva era um lago e este lago se estendia e ia cair ali na Padre Júlio aonde passava o Igarapé Grande, de onde entrava as embarcações pra trazer o alimento pra nós da Ilha do Pará, de Belém do Pará, da Ilha Viçosa, né? Dali daquela...de Breves, de Soure, que era de lá que vinha nossos alimentos pra ser vendido aqui em Macapá. E nós vinemos pra cá [Bairro da Favela] em 43 [1943], 46 [1946] pra 47 [1947], nós vinemos pra cá, minha mãe escolheu esse bairro aqui, e nós, aqui na frente da nossa casa você não sabia, num tem aquelas casas ali na Coaracy Nunes? Que ficam no alto, assim era aqui, a gente só subia ali, quando abaixa ali onde tem aquela casa branca, ali do Manoel Dias, que era a parte mais baixa do terreno pra vir pra cá (...) O primeiro nome foi dado pelos próprios moradores: Morro da Favela, devido essa montanha que era elevada, depois passou a ser Bairro da Favela e no governo do Ivanoé, ele generalizou como bairro Central, então hoje nós estamos...do Ivanoé não, minto, do Barcellos que ele que generalizou como bairro Central. E aqui nós estamos (Tia Zezé, 2018).

Me contando então sobre a história do bairro onde cresceu e se criou, pude compreender o porquê desse sentimento sensível em relação a esse lugar, onde sua mãe, Dona Gertrudes Saturnino descontente de ter que sair de sua casa anterior, decidiu ir para outro local oposto ao Laguinho, sendo uma das primeiras pessoas a ir morar com seus filhos neste novo lugar chamado Favela. Aqueles que também não concordaram em ir para o Laguinho, seguiram Dona Gertrudes pois, de acordo com Videira (2009), dona Gertrudes Saturnino era uma liderança para a comunidade marabaixeira. Pergunto a ela se houve conflitos diretos por conta deste fato e ela me diz:

Não! Olha, eu acredito que não, porque eu era nessa época, eu deveria ter os meus 7 anos, sete ou dez, por aí, oito por aí assim, porque quando nós vinemos pra cá, acredito eu, não, não, num vou te dizer que o governo saiu de casa em casa pedindo pras pessoas, não! Eu só sei dizer que houve a desapropriação, todas as pessoas que moravam naquele pedacinho ali, por exemplo, a minha mãe morava do outro lado, aonde tem umas bananeiras, a casa da minha mãe e da Dona Venina, do lado que é o Fórum, o antigo Fórum hoje, morava Dona Januária Buliguia, Maria Buliguia, Antônio Cirino, Maria Cabocla e Caetana Soares. E aonde é a residência do governador era a casa de uma senhora que ela era do Macacoari, mas a casa de residência dela aqui em Macapá era ali onde é a residência do governador, que se chamava Teodolina (Tia Zezé, 2018).

Tia Zezé informa detalhes preciosos para entendermos como se deu esse processo de desterritorialização da frente da cidade, e de nos informar outros personagens dessa história, seus vizinhos, com muita precisão, além de nos dizer quem morava onde nesta parte da cidade. E nos chama atenção quando ela diz que o governo não saiu de forma gentil pedindo às pessoas que saíssem do lugar, dando a entender que este processo embora não havendo conflitos diretos, houve rusgas que foram guardadas pelo tempo. Como também afirma Videira em seu livro, que “apesar de não ter havido nenhum conflito físico direto entre os afrodescendentes e a segurança pública estadual, não significa dizer que não houve indignação e insatisfação da comunidade” (VIDEIRA, 2009, p. 0).

Pergunto a Tia Zezé sobre como era a relação de Janary com o Marabaixo, se houve algum impedimento por parte dele em relação a realização do festejo. Ao me responder, ela se reporta sobre os lugares onde era realizado o Marabaixo antes da desapropriação, ela diz:

(...) Ele nunca foi contra. Só que...já...já...Ele era assim, como ele era militar, essas coisas tudinho, aí então, mas ele nunca foi assim de dizer: “ah vocês num podem tá dançando Marabaixo, vocês num podem tá fazendo”, até como eu falei a pouco, com a desapropriação, Mestre Julião deu prosseguimento, porque o Marabaixo ele era ali atrás, ele era, ele era realizado ali atrás da Igreja que chamam Formigueiro, na casa da velha Ursinha, na casa da velha Severa, que eu não a conheci a velha Severa, era lá que era realizado os Marabaixo (Tia Zezé, 2018).

Tia Zezé então me dá mais detalhes sobre a chegada de Janary Nunes em Macapá e como ele foi se apropriando de certa forma da confiança da comunidade para alcançar seus objetivos na cidade. Ela continua a me falar sobre essa senhora de nome Teodolina e o interesse de Janary no terreno em que a mesma morava:

E quando Janary chegou aqui em Macapá, foi na casa dela que ele se hospedou, né? [Teodolina] E com a convivência que foi tendo com ela e com familiares dela, ele comprou um pedaço do terreno, aonde foi construída a residência do governo, mas o pedacinho que ela morava, era um quintal imenso, mas ela morava bem no canto e o resto do quintal era tudo pomar (Tia Zezé, 2018).

Pelas características e pela localização do terreno da referida dona Teodolina, é perceptível o porquê gerou enorme interesse da parte do gestor Janary Nunes nessa área, uma área grande, fértil e propícia para assim concretizar o projeto de urbanização de Macapá. Assim como a história de dona Teodolina, Janary também fez procuração de seu Julião Ramos<sup>12</sup>, outra liderança comunitária, que foi primordial e decisiva para o projeto de Janary, segundo relatos, era na casa de seu Julião eu ocorriam as reuniões com a comunidade para

---

<sup>12</sup> Julião Thomaz Ramos, um dos mestres do Marabaixo, compositor, tocador de caixa e mantenedor da cultura enquanto vivo, deixando um legado importantíssima para a história do Marabaixo. Nasceu em 9 de janeiro de 1880 e faleceu em 24 de junho de 1954, aos 78 anos de idade. Salve, Mestre Julião!

decidir o destino da mesma em relação ao projeto de urbanização de Macapá. Seu Julião era uma das pessoas de inteira confiança de Janary. (LOBATO, 2013)

A partir desse entendimento sobre a história do lugar onde cresceu, e lembranças da saída de onde nasceu, pergunto a Tia Zezé sobre o local onde ela passara a vida, sobre o local onde morou, sua trajetória e como o Marabaixo é a base disso tudo. Ela me conta:

Eu só sei te dizer que na década de quarenta e seis, nós vinhamos pra cá, né? E até hoje. (...). Nesse mesmo local, né? Só que a casa da minha mãe era de madeira, chão batido, chão batido que a gente chama é como se fosse assim, na piçarra, né? Coberta de palha de buiuçu [árvore de madeira esbranquiçada, flores roxas e frutos lenhosos], aqui foi ensaiado, era ensaiado todo ano a escola de samba Maracatu da Favela, iniciou-se aqui, saía daqui no bairro da Favela pra percorrer a pequena cidade de Macapá (Tia Zezé, 2018).

Para além do Marabaixo e do Batuque, festas tradicionais do estado, houve também a influência do samba carioca (Rio de Janeiro) e a ocorrência do festejo do Carnaval em Macapá, a partir da década de 1950. Como afirma a Tia Zezé acima, o lugar onde mora, quando ainda era a casa de sua mãe, dona Gertrudes, foi o local onde surgiram os primeiros toques da escola tradicional de samba Maracatu da Favela fundada em 1957.

O que também ocorreu no bairro do Laguinho, cujo o nome de sua escola de samba tradicional é Universidade de Samba Boêmios do Laguinho fundada no ano de 1954 (GONÇALVES, 2001). Há essa cultura do festejo do carnaval em Macapá com várias escolas de samba, porém, atualmente, o governo do Estado por não possuir uma política pública cultural consistente, ainda não é capaz de promover incentivos a políticas culturais para a realização do carnaval.

Como já citado anteriormente no que diz respeito a como funcionam a criação de festividades em louvor aos santos, através de promessas, prossigo minha conversa com Tia Zezé e nesse intuito ela me conta como aconteceu a reorganização do Marabaixo na Favela, sendo a partir de uma promessa feita por dona Gertrudes para uma das irmãs de Tia Zezé. A respeito ela diz:

Foi iniciado o Marabaixo aqui, como eu falei antes, através da promessa que minha mãe tinha feito pra minha irmã que hoje já é falecida. [a irmã em questão é dona Maria Natalina Silva da Costa, mais conhecida como Tia Natalina] (...) Foi que o Marabaixo iniciou-se aqui no bairro da Favela, minha mãe paga uma promessa *prum* sobrinho meu que até hoje reside em Belém do Pará, ela fez essa promessa e dessa promessa o Marabaixo se prolongou por muitos anos enquanto minha mãe existiu com a permissão de Deus, e o velho Julião deu prosseguimento lá pro Laguinho, porque todos nós fomos removidos ali do centro da cidade (Tia Zezé, 2018).

Antes da desapropriação, as famílias realizavam essa festa conjuntamente enquanto estavam ali na frente da cidade, quando estas foram dispersas e se realocaram nos bairros da

Favela e do Laguinho, ocorreram mudanças na realização do Marabaixo. E foi a partir de uma promessa que o Marabaixo no bairro da Favela se reacendeu.

Tia Zezé após me relatar como se originou o Marabaixo na Favela, me conta em seguida sobre essa herança que ela mesmo diz, que recebeu de sua mãe Dona Gertrudes, e como prosseguiu com essa tradição:

(...) nós vinhamos pra cá, e minha mãe como eu falei a pouco, ela iniciou-se o Marabaixo na década de 50 e eu fui aprendendo com ela a tocar, a cantar, e isso foi, eu digo assim, uma herança que minha mãe me deixou, porque de todas as minhas irmãs, a única que sabe tocar, cantar, sou eu. Agradeço tudo a essa mestra, e... depois da morte de minha mãe, quem deu prosseguimento do Marabaixo já foi a minha mãe, a minha sobrinha, a professora Marilda que mora ali no Boné Azul e que o barracão é ali na Hamilton Silva, direto, passando ali o colégio das Freiras. [o barracão em questão leva o nome de Berço do Marabaixo, e fica próximo ao colégio Santa Bartolomea] (...) Eu tive a permissão de Deus de 1998 pra cá, eu comecei a ir fazendo as composições de alguns novos ladrões de Marabaixo porque eu achava que já estava na hora da gente criar novos ladrões do Marabaixo, porque a gente cantava aquilo que nós encontramos do seu Raimundo Ladislau, foi um dos compositores do ladrão do Marabaixo, o velho Ponciano, senhor João Barca, esses foram os compositores do Marabaixo na época. Então, quando nós vinhamos pra cá, como eu falei, minha mãe deu prosseguimento aqui, o velho Julião lá... (Tia Zezé, 2018).

A partir dessas histórias e vivências de Tia Zezé, fica perceptível como a tradição do Marabaixo ao mesmo tempo em que é ancestral, passada de geração para geração, e que perdurou mesmo como todas as influências externas e dificuldades, mostrou-se vivo a partir da voz de mulheres como a mãe de Tia Zezé, sua irmã que dera continuidade ao festejo e dela própria que percebendo as dinâmicas da cultura, que mesmo tradicional, necessita reinventar-se e não é estático, seja compondo novos ladrões, tocando a caixa guerreira, esta última sendo ainda uma função dentro do Marabaixo majoritariamente masculina, Tia Zezé acompanhou e fez parte das transformações nesta manifestação.

Pensando nessa trajetória vivida por Tia Zezé, que é um dos cerne deste trabalho, para além de uma vida marcada por essa tradição, quis saber como foi sua infância, onde trabalhou, como vivia, e ela plenamente me conta:

Minha mãe, ela lavava roupa pra fora pra nos criar, lavou muitos anos pro coronel Janary Gentil Nunes, ela lavava aquelas roupas que era deles, da diária deles e a Vó Luzia lavava a roupa pra fora, amassando açaí, e eu, ia vender esses açaí lá pro centro da cidade, pra ajudar minha mãe, que até então, meu pai já tinha se separado dela, minha mãe nos criou lavando pra fora, amassando açaí e eu ia vender, porque eu era a mais criança. Minha mãe enchia o palheiro de litro e botava na minha cabeça e eu atravessava por cima da ponte e ia vender açaí. Depois a minha mãe deixou as lavagens de roupas e a olaria era ali na Cândido Mendes, na General Rondon, minto. Que onde tem uma casa que é do governo...era do governo, era lá que era a olaria...E minha mãe trazia uma lata de pedra de mármore que era pra quebrar aquelas pedras, que era pra fazer aqueles banco que tem hoje na praça do

Barão do Rio Branco, e minha mãe passava a noite quebrando aquelas pedras e nós ali quebrando junto com ela aquelas pedra... (Tia Zezé, 2018).

Quando ela me fala a respeito de como viviam, me recordo das palavras de Tia Zefa que também teve uma vida inteira de trabalho duro, muitas vezes informal, e de subsistência, como colher e vender açaí, pegar peixes no Igarapé das Mulheres. Com a saída dessas famílias da frente da cidade onde muitos possuíam suas roças e pomares e pela descrição que Tia Zezé faz do terreno da Favela, como um lugar cheio de clives, provavelmente foi muito mais complicado realizar o plantio de roças neste novo lugar, o que tornou a vida dessas pessoas mais complicada, tendo que recorrer a outros tipos de trabalhos para conseguir sobreviver e prover seus sustentos.

Outro ponto que chama atenção é o fato de que a família de Tia Zezé ser chefiada por mulheres — Dona Gertrudes e Vó Luzia — tal como também viveu Tia Zefa, lembrando do que escreveu Maria Odila (1984) sobre a constituição de muitas famílias serem formadas majoritariamente por “mulheres solteiras”, divorciadas ou viúvas e seus filhos, sendo em sua grande maioria mulheres negras e pobres. Nessa perspectiva, quero trazer a reflexão dada por Angélica Ferrarez de Almeida (2013) ao falar sobre as tradições e vivências das Tias Pretas da Zona Portuária do Rio de Janeiro, ela diz:

Desta maneira a família matrifocal não é explicada por fatores econômicos, como as alforrias femininas, a Lei do Ventre Livre, nem mesmo o trânsito maior de mulheres no comércio miúdo, seja formal ou informal, como o comércio de quitutes, sua presença nas feiras com os famosos tabuleiros, gêneros de primeira necessidade, mas a base da matrifocalidade se dá por relações travadas no interior da própria família onde a relação mãe e filhos se mostram mais solidárias que as de pai com filhos (ALMEIDA, 2013, p. 27).



*Lavadeiras executando seu ofício, na frente da cidade, à margem do Rio Amazonas, no início do século XX.*

---

Lavadeiras executando seu ofício na frente da cidade, no Igarapé das Mulheres, a margem do Rio Amazonas, no início do século XX.

Fonte: Arquivo do GEA, 2010

Observando a trajetória de mulheres como Tia Zezé e Tia Zefa, é possível dizer que elas sempre estiveram nos mais diversos espaços, circulando, criando suas regras, subvertendo institucionalidades do seu jeito, e aqui, neste caso, resistindo através de sua cultura, não por mero gostar, mas por sobrevivência, da sua sobrevivência, da sobrevivência dos seus, dessa maneira, recordo o que diz Ângela Davis em “Mulheres, Raça e Classe” quando escreve que “as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas” (DAVIS, 2016; 17), pois, enquanto mulheres brancas buscavam oportunidades para trabalhar, essa categoria fora imposta às mulheres negras, sem negociações, mas com subversões e táticas.

Tia Zezé continua a me contar sobre sua trajetória de vida, que com muita dificuldade conseguiu estudar e terminar uma graduação, motivo de muito orgulho para ela, que faz questão de me mostrar sua monografia que teve como tema o Marabaixo. Ela diz que trabalhou desde os 12 anos em Serra do Navio, no Porto de Platoon e na Vila Amazonas — vilas que foram construídas em estilo norte americano encomendadas pela CAEMI (Companhia Associada de Empresas em Mineração) para abrigar as famílias que vieram trabalhar contratadas pela mineradora ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios Ltda.) na década de 1960 — como empregada doméstica. Conseguiu então um emprego de servente [serviços gerais] pelo governo, passando quinze anos nessa função, ela diz:

Então, comecei a trabalhar no governo na década de 60, de servente, passei quinze anos trabalhando como servente, depois eu resolvi terminar meus estudos. Aí, eu fui pro CCA [atual Escola Estadual Gabriel de Almeida Café], porque eu não podia trabalhar...estudar de dia porque na época o governo não dava esse privilégio da gente trabalhar e estudar, você tinha que escolher, ou você trabalhava ou você estudava, e eu, então, saí do IETA, porque só tinha aula o dia, não tinha a noite e eu não poderia trabalhar de noite, aí vim pro CCA, fiz secretariado...Mas como eu adoeci, não terminei o secretariado, parei, mas continuei a trabalhar. (...) Trabalhei, fiz 15 anos como servente, mas eu dizia pras minhas colegas: “ eu não vou ser servente pelo resto da minha vida”, ela *rio*...Quando foi em oitenta e dois, eu já tava trabalhando como auxiliar de estatística de saúde, na Secretaria de Saúde, porque eu tinha uma caligrafia muito bonita e já tinha terminado o meu...o meu primário e tinha parado com o secretariado, aí, eles me botaram pra trabalhar no setor de Estatística de Saúde, aí quando foi na década de oitenta e poucos me mandaram pra Recife pra fazer um curso de Estatística de Saúde em Recife, aí eu passei quase quatro anos em Recife, aí eu deixei de ser servente, passei já a trabalhar no setor de Estatística direto, depois eu passei a trabalhar na 1ª Regional de Saúde até a década de 90, por aí assim, aí foi quando me aposentei, aí o que eu fiz? (...). Quando saí de lá, eu disse, “quer saber de uma coisa? Eu vou voltar a estudar”. Aí, eu fui, cê tem que ser mais do que isso (Tia Zezé, 2018).

Ela me conta também que é messiânica — segue a doutrina da Igreja Messiânica Mundial —, mas que a sua religião nunca interferiu no seu Marabaixo, e que já teve até a oportunidade de visitar o Japão, pela sua Igreja, batendo sua caixa de Marabaixo, e foi o Pastor de sua Igreja que concedeu a ela uma inscrição para graduação em Filosofia:

Aí, eu fiz a prova de seleção, aí eu passei, me formei em 2007, pela faculdade de... pela ISFITECH [acho é a FATECH - Faculdade de Teologia e Ciências Humanas], hoje eu sou formada em Filosofia, eu comecei a fazer o curso eu tinha 63 anos, né? (...), mas é assim, é válido, porque você tá construindo aquilo pra você, quando você morre você leva consigo, você não deixa pra ninguém, então é uma riqueza que você adquire com seus méritos, com seu esforço, com sua luta, com sua garra, e foi assim que eu me sentia, como se eu fosse assim, uma adolescente dentro da faculdade, meu colegas, eles diziam pra mim: “Dona Libório, como é que a gente pode faltar um dia, que se a senhora com essa idade tá todo dia dentro desta sala de aula?” (Tia Zezé, 2018).

No momento em que me fala sobre seus estudos, Tia Zezé me conta com um ar de quem está dando um conselho, e meu único ímpeto é apenas ouvi-la e recebê-los. Com o seu Trabalho de Conclusão de Curso impresso, ela me mostra e diz:

É isso que é a nossa riqueza! É você... é adquirir pra você dentro de toda essa trajetória, comer fora de hora, comer comida fria, enfim... passar a noite em claro como eu passava a noite, ainda passando a limpo naquelas matérias, porque naquela época o professor ia pro quadro mesmo, hoje em dia os professor não, mas na época eu tive a benção que todos os professores, eles passavam a matéria, escrevendo, a munheca chega fazia assim, copiando, como eu falei a pouco, tinha palavras que eu ia adivinhar o que era que eu tinha escrito, mas valeu a pena. Isso aí é tudo pra mim! (Tia Zezé, 2018).

Ao final de nosso encontro, Tia Zezé já não era mais aquela senhora desconfiada, tanto que ela me presenteou em CD os ladrões de Marabaixo que ela escreveu e gravou. Ela me cobra que eu não esqueça de fazer visitas a ela. Prestei muita atenção nos conselhos subliminares e outros explícitos de Tia Zezé. Muito mais que reflexões acadêmicas, gostaria muito de frisar que este trabalho não é somente uma pesquisa, recheado de conceitos e citações acadêmicas, mas é feito de pessoas cheias de sentimentos e emoções e para além de uma apreensão metodológica do fazer uma história oral, mas ouvir essas histórias, com o coração também.

Dito isto, me apoio novamente nas palavras do filósofo malinês Hampaté Bâ (2003), que ao escrever e fazer uma descrição de como funciona os processos da tradição oral na sua comunidade, alerta sobre como devemos ser mais ouvidos e que é só aprendendo a ouvir que poderemos então transmitir a oralidade para outrem realizando assim a perpetuação da memória, utilizando de muitas metáforas e até de um poema, ele diz:

Os “anciãos” encontram cada vez menos “ouvidos dóceis” a quem possam transmitir seus ensinamentos, pois, segundo uma expressão consagrada, o ensino só pode se dar “de boca perfumada a ouvido dócil” (ou seja, inteiramente receptivo). (...) Para

descobrir um novo mundo, é preciso esquecer seu próprio mundo, do contrário, o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se “à escuta”. Através da boca de Tierno Bokar, o sábio de Bandiagara, a África dos velhos iniciados avisa ao jovem pesquisador:

“Se queres saber quem eu sou,  
Se queres que te ensine o que sei,  
Deixa um pouco de ser o que tu és,  
E esquece o que sabes” (HAMPATÉ BÂ, 2003, p. 214).

O processo metodológico de história oral não será sempre como o teorizado nos manuais, cada processo é único, “o conceito de memória não é homogêneo e conforma-se por múltiplos significados” (DELGADO, 2010, p. 39). Nem sempre iremos nos deparar com pessoas que queiram nos contar sobre sua vida, por diversas razões, ou elas irão nos contar, mas elas já tem em mente o que irão nos contar, podemos nos deparar com o esquecimento ou silenciamento, memórias dolorosas que não serão ditas, ou serão. Será sempre uma surpresa para ambos, interlocutor e pesquisador. E lembrar que antes de todo rigor metodológico, estamos lidando com pessoas, seres humanos, cheios de receios, sonhos, emoções, que poderão ser despertadas ou não e isso pode depender do pesquisador ou não.

***“Eu desejo aprender, ó menina, na vossa escola”: outras considerações sobre a cidade e a tradição.***

Na constituição do Marabaixo, os ladrões são um dos principais elementos para sua existência; para embalar esta narrativa há um ladrão de Marabaixo muito famoso que de certa forma conta a história da urbanização de Macapá. Este ladrão apresenta também a outra face dessa história: a retirada da população negra da frente da cidade. Ele nos dá detalhes de como não foi fácil se desfazer de uma história, de uma territorialidade, de seus laços, por mais simples que tenham sido, como o desfazer-se de um coqueiro e do próprio desespero em não saber para onde ir. Além disso, como falou Tia Zefa a respeito de como eram criados os ladrões de Marabaixo, deixa explicado de onde saíam os versos: a partir de suas vivências, de seu cotidiano e de fatos que lhes marcaram.

Esse ladrão é muito importante pra entendermos como se deu tanto o processo de retirada quanto o início da urbanização de Macapá, e como muitas coisas se modificaram, como o nome de alguns lugares, as relações sociais entre eles, as dúvidas de não saber onde irão se acomodar e como irão fazer isso, até a falta de estrutura para conseguir reerguer tudo o que fora construído ao longo de suas vidas:



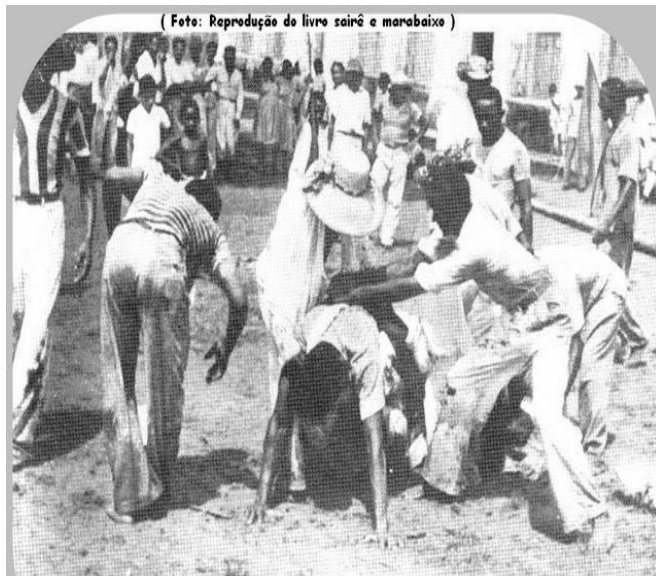
Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho? / Eu vou fazer a minha morada lá nos campos do Laguinho/ Tu faz do lado de lá, faço do lado de cá/, só nos dias de domingo nós vamos se visitar/, eu só posso ir de tarde, de manhã não posso ir/ tu sabes que de manhã, vou apanhar meu açaí. / Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho? / Vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho. / Eu tava na minha casa, sentado não tava em pé/ o meu amigo chegou, cafusa faz um café/. Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho./ Eu cheguei na tua casa, te *proguntei* como passou/ Alípio eu não tenho casa, tu me dás um armador?/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho./ Destelhei minha casa com a intenção de retelhar/ a santa Engrácia não fica como uma mão hei de ficar/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho/ O largo de São João já não tem nome de Santo/ já hoje é reconhecida por Barão do Rio Branco/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho/ Avenida Getúlio Vargas, tá ficando que é um primor/ as casas que foram feita foi só pra morar doutor/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer a minha morada lá nos campos do Laguinho/ As ruas de Macapá tão ficando que é um primor/ tem hospital, tem escola, pros filhos do trabalhador/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer a minha morada lá nos campos do Laguinho/ Dia primeiro de junho, eu não respeito o senhor/ pois saio gritando viva pro nosso governador/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer a minha morada lá nos campos do Laguinho/ Dia primeiro de junho é lá que eu quero ir/ vamos todos bater palma pro Coronel Janary/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer a minha morada lá nos campos do Laguinho/ Me peguei com São José, padroeiro de Macapá/ pra Janary e Coaracy não saírem do Amapá/ Aonde tu vai rapaz, nesse caminho sozinho?/ Eu vou fazer a minha morada lá nos campos do Laguinho/ Marabaixo é cultura, Marabaixo é tradição/ eu sou filha de Januária e do Mestre Julião.<sup>13</sup>

Além dos fatores citados acima, no sentido de reorganização de um novo espaço, nas últimas estrofes, é possível perceber que há um sentimento de gratidão por parte de alguns membros da comunidade em relação aos feitos de Janary. Após todo o processo de desterritorialização dessa população, ao se depararem com o “progresso” da cidade, as ruas asfaltadas, construção de hospital e escola, muitos ficaram gratos, entendo que seja parte do processo, pois como foi dito por Tia Zefa, naquele período não havia escola, não havia asfalto, não havia hospital, e ao se deparar com essas mudanças provavelmente causou esse tipo de sofrimento, porém o que se sabe até então, é que essas mudanças só chegaram de fato até essa população dos respectivos Laguinho e Favela a partir da década de 1970, ou seja, o progresso não era para todos, a esse respeito, me reporto mais uma vez a Luna (2017):

O que se pode verificar nas letras de música, quanto a transferência dos homens e mulheres negros para o Laguinho, foi a total ausência de um planejamento prévio para o deslocamento desses atores sociais, no que se refere a construção de casas, serviços de água potável, luz e saneamento. (...). Após a década de 1970 esses bairros vieram a sofrer intervenção dos poderes públicos com serviços urbanos de infraestrutura - água, luz, saneamento básico(...)' (LUNA, 2016, p. 174-177 *apud*. MARTINS, 201

<sup>13</sup> Composição de Domínio Público.

Assim como a cidade, houve a transformação do Marabaixo, a exemplo do que se fala sobre a Carioca, que consistia em um jogo de passos misturados de Marabaixo e Capoeira, onde só os homens jogavam na hora da roda, e as funções e momentos delimitados para homens e mulheres, hoje a maioria das atividades que compõem o Marabaixo são feitas por ambos, não há mais essa divisão, pois ao longo do tempo muitos foram deixando de participar ativamente dos rituais do Marabaixo por diversos motivos, ocorrendo assim a transformação da cultura, onde todos os que estiverem disponíveis para realizar tal função, poderão fazê-lo.



Em frente à Igreja de São José, homens jogando a carioca ou capoeira, década de 1950 do século XX.

Fonte: Pereira, 1951

Atualmente as mulheres e os homens vão para as matas tirar e cortar o mastro, o que era uma atividade realizada apenas por homens, tal qual tocar a caixa de Marabaixo, hoje é realizada por mulheres, assim como as funções da cozinha, de fazer o caldo, servi-lo ou preparar a gengibirra, - bebida tradicional feita de gengibre e cachaça -, antes destinada às mulheres, agora também são feitas pelos homens.

A partir de uma análise de relações de gênero nos espaços de manifestações culturais, me reporto ao artigo de Camila Dazzi (2013) neste sentido:

(...) fazendo parte de uma rede sem limites, entende-se que a figura da mulher ainda sofre sobre o peso das tradições, mas na grande maioria, como vem ocorrendo na contemporaneidade, quebra os tabus impostos pela sociedade, (...) se revelando como um braço de suporte para muito além das paredes domésticas (DAZZI, 2013, p. 69).

Além dessas mudanças nas tarefas, a presença majoritária de mulheres no festejo é muito maior que a presença dos homens. Eles estão ali, é claro, mas em menor número que elas, sobre isso a historiadora Camila Dazzi (2013) em artigo sobre gênero e folias, escreve:

o potencial feminino de atuação dentro dos Grupos (...) [Culturais] pode ultrapassar o que atualmente observamos ser utilizado, por meio do viés lúdico, com capacitação alinhada à realidade da comunidade ao qual está inserida, sendo um possível facilitador na inserção e preparação de jovens e crianças voltadas às atividades (...), fazendo uso de sua habilidade preexistente educacional. Podendo assim, ser a mulher um vetor de disseminação e preservação da manifestação cultural na captação de novos integrantes para além de suas fronteiras geográficas (DAZZI, 2013, p. 70).

Sendo assim, é possível afirmar que, estando em maior número dentro das manifestações culturais, provavelmente serão elas, em grande parte, as responsáveis pela perpetuação e manutenção dos festejos onde estão inseridas e pela transmissão dessa memória.

A respeito da indumentária utilizada pelos marabaixeiros e marabaixeiros, antigamente, como foi falado por Tia Zefa, cada um cuidava de comprar sua roupa para participar do Marabaixo. Atualmente, se organizam em grupos e cada grupo utiliza uma indumentária estilizada e padronizada por cores, as saias e adereços continuam floridas, os cabelos ainda são enfeitados com flores, sapatilhas nos pés, mas cada grupo combinando um estilo de roupa e de cores. Videira (2013) também realiza uma descrição desses modos em seu livro, segundo ela:

Saia rodada com pala, de modelo simples abaixo do joelho, com estampas coloridas em motivos florais de cores e tons variados, além de anáguas, em sua maioria, na cor branca, enfeitadas com rendas e bordados. As saias, a exemplo das anáguas, podem ser enfeitadas com renda e/ou bordado inglês no centro e na barra. Anos atrás, as saias eram feitas de chita (tecido barato), não eram enfeitadas com renda e nem bordado inglês. Essa é uma prática contemporânea. A blusa é quase sempre na cor branca, com babado em folho branco, rendada na ponta do folho; enfeitada também com renda e/ou bordado inglês na barra da blusa e também pode ser confeccionada com tecidos de cores variadas. (...). As mulheres usavam ramo de flores naturais e coloridas, cultivadas por elas mesmas no quintal de suas casas(...). Hoje, usam mais flores artificiais. Usa-se ainda uma toalha de cor variada sobre os ombros. (...) A sandália é baixa, de modelos variados, quase sempre nas cores preta e/ou branca. Antigamente o Marabaixo era dançado descalço (VIDEIRA, 2013, p. 113).

## **Considerações finais**



Dançadeira de Marabaixo, Ciclo do Marabaixo 2019. Fonte: Autora, 2019

As reflexões que estabeleço nessa jornada, envolvendo as histórias de vida de Tia Zefa e Tia Zezé, são para além de qualquer mero esforço acadêmico de entregar um trabalho ou pesquisa. Gostaria de lembrar que são mulheres negras, amazônidas e que carregam consigo uma manifestação cultural ancestral, que foram subalternizadas por um sistema racista, machista, que passaram por um processo de desterritorialização com suas famílias e tiveram desde cedo a aprender a sobreviver e a criar seus próprios modos de vida.

Apenas gostaria de mostrar a história de mulheres reais, da periferia da (periferia) da Amazônia brasileira, que através dos ensinamentos de suas ancestrais que colocaram em prática, e que guardam dentro de suas palavras as memórias e os ensinamentos que podem inspirar outras gerações. Como escreve Celeste (2012):

São estes saberes, poderes, experiências, trabalhos, sofrimentos, modos de sobrevivência, e finalmente, suas lutas, (...) assim como de suas descendentes, que marcam o compasso de sua participação e constituição na história. (...) São mulheres que não se encontram nos “bastidores da história”, pelo contrário, sempre demonstraram, através de suas estratégias e das experiências de suas ancestrais que foram sujeitos no processo histórico e nele executaram e executam papéis de destaque, quando se transformam em personagens capazes de construir tanto a história de seus povoados como de sua própria existência. (PINTO, 2012, p. 5-6).

E nem poderiam estar nos ditos “bastidores da história”(PERROT, 1989), quando me reportei a Hampaté Bâ (2003), quando este diz que estamos diante da última geração de depositários, significa também que estas mulheres estiveram à frente ou passaram por processos decisivos da história, neste caso da pequena Macapá da década de 40. Existe uma

teia, um emaranhado muito maior a desvendar, quando estas têm suas vidas atravessadas por uma manifestação cultural que de certa forma conta a história destes processos. A partir disto, é possível dizer que elas carregam o antes e o depois de mudanças decisivas, em suas vidas, no Marabaixo e nos espaços que circularam e que produziram.

Com a modificação do espaço, ou melhor dizendo, das territorialidades em que essas mulheres viviam — e seus familiares — a partir de uma política que visava, na teoria, urbanizar a cidade tudo o que está ao redor dessas sociabilidades também foram transformados. Vale lembrar que em todo o país, nas principais cidades, populações negras que viviam nos centros sofreram com as desapropriações. Os gestores justificavam o fato pela necessidade de reestruturação das cidades para modernizá-las, a chamada “reforma urbana” que na prática escondia parte da sociedade que a maioria não queria ver, configurando uma verdadeira política higienista.

Quando elas relatam que uns foram para o Laguinho e outros para Favela e, principalmente, quando é percebido que a partir desse processo há também uma cisão na manifestação da qual fazem parte, não só por razões de pura transformação cultural ao longo do tempo, mas demarcam uma ruptura nessa manifestação causada pela política urbanizadora: os que foram para o Laguinho passaram a cultuar somente o Divino Espírito Santo e os que foram para a Favela, a Santíssima Trindade.

Essa constatação pode ser vista a partir da primeira frase proferida por Tia Zefa quando diz que está tudo mudado, e que agora são quatro mastros ao invés de dois nos festejos de Marabaixo. Para além, é possível observar ao longo das entrevistas com Tia Zefa e Tia Zezé, como o Marabaixo conta a história de Macapá e que essa história seja apresentada e representadas pela voz destas.

Dessa maneira, me dirijo a Ecléa Bosi ao escrever um primoroso trabalho sobre memória e cidade onde as suas discussões contemplam as minhas intenções para com a realização dessa pesquisa e como ela se dará. Dessa forma, como escreve Bosi:

Se alguém colhe um grande ramallete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. (BOSI, 2003, p. 199).

E a seiva retirada que alimenta essa memória vem das lembranças de Tia Biló, Tia Zefa e Tia Zezé, onde “essas mulheres, por seus feitos, vão desfiando como legado para as gerações futuras, teias tramadas em muito trabalho, solidariedade, experiências de luta, força para liderar e sobreviver” (PINTO, 2012, p. 6).

---

Por fim, quando escrevo sobre Tia Zefa e Tia Zezé e quando elas me contam suas experiências, estou diante de grandes depositárias de memórias, estas que não poderão ser repetidas ou vivenciadas por outras pessoas, elas serão transmitidas, é claro, mas o sentimento será outro. Quando Bâ (2003) fala sobre a última geração de depositários, creio que queira dizer exatamente isso, existiram momentos que somente essas mulheres puderam vivenciar e este sentimento de estar presente durante esses acontecimentos é único e só pode ser transpassado da maneira que é por elas. Ninguém mais sentirá o que elas sentiram, podemos ter uma ideia, transformar em exercícios de alteridade, mas jamais será do modo como sentiram, guardam e transmitem.

### **Referências bibliográficas**

#### **Fontes Primárias**

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Parecer do Relator do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural - IPHAN, Processo no. 01424.000185/2016-18.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê do Marabaixo. Macapá, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Inventário das referências culturais do Marabaixo do Amapá. Macapá, 2013.

#### **Entrevistas**

Entrevista com Josefa da Silva Ramos (Tia Zefa) em 07 de agosto de 2018

Entrevista com Maria José Libório (Tia Zezé) em 19 de setembro de 2018

#### **Livros e Artigos**

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Usos e abusos da história oral**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. **A tradição das tias pretas na Zona Portuária: por uma questão de memória, espaço e patrimônio**. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura. Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê,

---

2003.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados** 17, pp. 198-211, 2003.

CAMBRAIA, Paulo. Os governos territoriais do Amapá e a substituição dos rios por estradas: hidrografia, cultura e progresso. In: OLIVEIRA, Augusto *et al.* **Amazônia, Amapá: escritos de História**. Belém: Paka-Tatu, 2009. pp. 143-171.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DAZZI, Camila. Patrimônio Imaterial: A Representação do Gênero no Espaço da Folia de Reis em Nova Friburgo/RJ. **Revista Extendere**, v.1, nº 1, UERN, Rio Grande do Norte, 2013.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano: a essência das religiões**. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2ª ed. Brasília: INL, 1976.

GOMES, Flávio dos Santos. **Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana brasileira, séculos XVIII-XIX**. Editora Universitária UFPA, 1999.

GONÇALVES, Mariana de Araújo. **Enredos da Memória: história e identidade no carnaval das escolas de samba em Macapá (1975/2000)**. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

LUNA, Verônica Xavier. **Um cais que abriga histórias de vida: sociabilidades conflituosas na gentrificação da cidade de Macapá (1943-1970)**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

LOBATO, Sidney da Silva. **A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, nº 53, pp. 259-274, 2005.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Norte Ciência**, v. 2, nº 1, pp. 1-26, 2011.

NUNES, Pereira. **O sahiré e o marabaixo: tradições da Amazônia**. Recife: FUNDAJ,



---

Editora Massagana, 1989.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. v. 9 nº18, pp. 09-19. São Paulo, 1989.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Belém: Editora Açaí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. História, Memória e Poder feminino em Povoados Amazônicos. **Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, v. 1, pp. 01-10, 2012.

REIS, Joselia Ferreira dos; FREITAS, Rita de Cássia Santos. De Matriz Africana: O papel das mulheres negras na construção da identidade feminina. **Anais eletrônicos/Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 1-9, 2010.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do quilombo do Criaú em Macapá e sua educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.